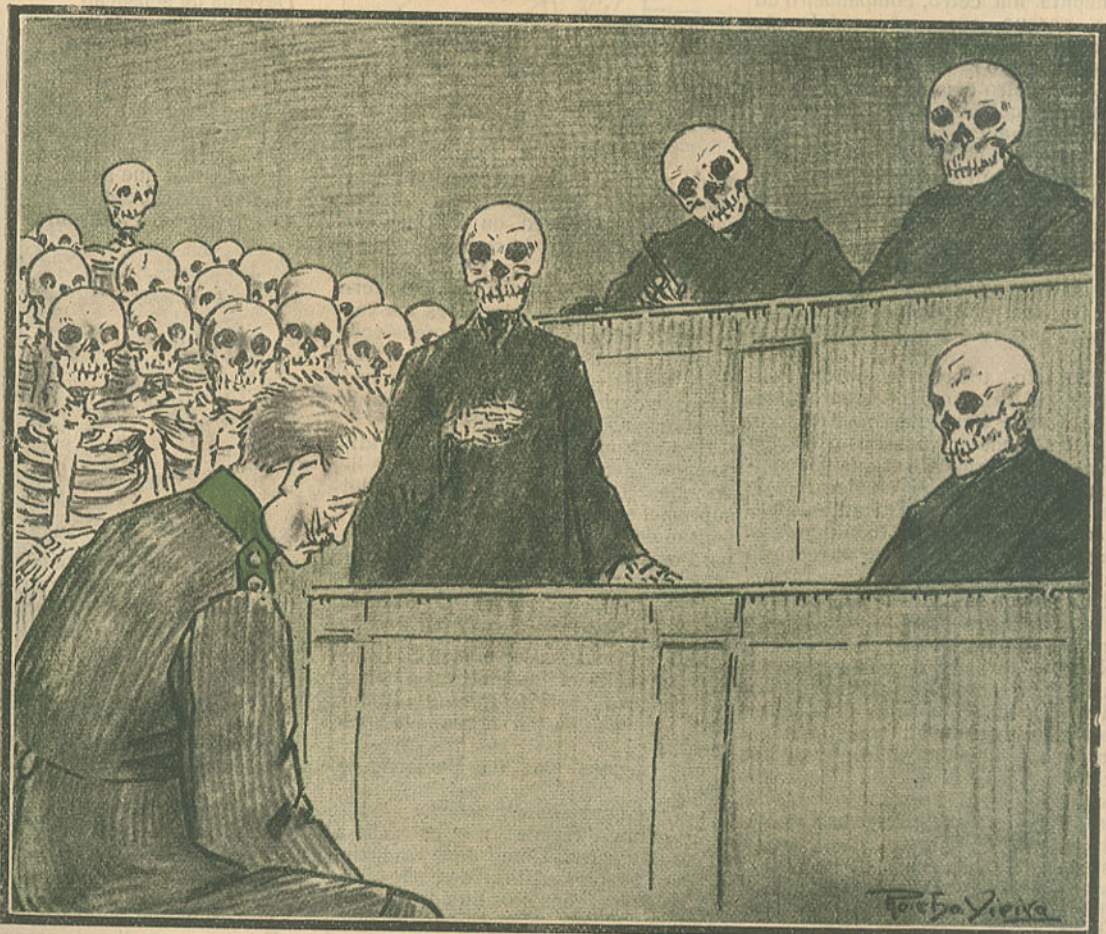




Redação, Administração e Oficinas—R. do Seculo, 45—Lisboa

# O julgamento



**As vítimas, para o reu:  
—Agora, nós!**



## PALESTRA AMENA

## O trono e o cetro

Vossas senhorias não de concordar que deve ser sobremaneira incomodativo uma pessoa sentar-se n'um trono. A posição de sentado é preferível á de pé, sem duvida, mas uma simples cadeira de palhinha, á falta de sofá ou de poltrona, oferece mais comodidade do que um trono; este, pela tradição, pela solenidade de que o revestem, porque n'ele pousaram illustres rotundidades, obriga a uma posição contrafeita, entre ereta e reclinada, sem o nobre aprumo da verticalidade e sem o dôce descanço da horisontalidade.

Estabelecido o principio de que o trono é uma coisa enfadonha, o que admira é que tanto se tenha até hoje lutado pela sua posse, tantos rios de sangue e de lagrimas se tenham derramado pelo appetite de alguém nele se sentar. E se tal facto é muito de pasmar, que diremos do empenho com que se disputa um cetro, companheiro do trono, porque—caso estupendo!—não ha pretendente a trono que o não seja tambem a cetro?

Não é o cetro uma pequena vara como outra qualquer, sem serventia de importancia, antes de reconhecida inutilidade? Qual de nós se não riria por ver um individuo segurar, durante horas, um pausinho na mão, como se estivesse praticando um ato muito serio?

E no entanto o cetro é co-autor das desgraças acima referidas, tem o seu quinhão no sangue e nas lagrimas derramadas, tem contribuido, tanto como o trono, para ruinas e males irreparaveis.

Tudo isto, toda esta paixão pelo trono e pelo cetro, parece paradoxal, não é assim? Parece e é; entretanto, só recentemente os homens começam a dar conta do ridiculo a que se expunham lutando para se apoderarem de dois objetos tão insignificantes, abdicando alguns d'elles a toda a pressa, correndo outros a pedir ao povo a sua opinião sobre a triste figura que faziam e ainda outros safando-se sem cerimonia e mandando para o diabo o dito trono e o dito cetro.

Nunca é tarde para uma pessoa reconsiderar e o arrependimento não fica mal a ninguém. E' apenas de lamentar que a cegueira tenha transornado a mentalidade humana durante tantos seculos, caindo a venda demasiado tarde. E afinal, uma operação extremamente simples teria obrigado espontaneamente os detentores dos cetros e dos tronos a abandonar taes objetos: bastaria ter-lhes apresentado um espelho, na occasião em que estavam disfrutando essas insignias. Estamos em que não haveria um rei que não se largasse a rir se visse refletida a sua comica imagem!

J. Neutral.

## Contra a epidemia

Não sabemos se tem reparado que os jornaes veem cheios de anuncios de remedios para a pneumonica. Remedios de botica, isto é, medicamentos? não, senhores. Tal comerciante anuncia que os gabões de Aveiro são o melhor perservativo da gripe; tal restaurant afirma que um cafésinho bem quente, tomado lá na casa, evita a doença; até um sapateiro engenhoso já declarou nas folhas que o calçado que fabrica mata infalivelmente o microbio da terrivel doença!

E' claro que o leitor inteligente não vae no bote e recorre á farmacia, sem que lhe passe pela cabeça que uma camisa de flanela ou um par de piugas possa servir-lhe de panacea; mas nem toda a gente é inteligente—antes pelo contrario — e não falta quem, com 40 graus na axila, ponha um chapéu com-



prado a logista que o apregooou como remedio, calce umas botas reclamadas para o mesmo efeito ou se banhe em agua de cheiro, com iguaes pretendidas virtudes.

Uma idéa: e se a censura se exercesse sobre estas explorações em vez de recair em comentarios inofensivos, á politica ou aos costumes? Se se puzesse a bom recato o intrujão que nos jura que cura a gripe com umas galochas compradas lá na loja?

Bem sabemos que o comercio, antigamente denominado traficancia, é livre; mas a salvação do povo é a lei suprema, segundo resa o latim, e a suspensão de garantias não se promulgou para os cães.

## Um premio

Está em ensaios no teatro S. Luiz, para 2.<sup>a</sup> recita de assinatura, a comedia franceza *L'âne de Buridan*, traduzida por pessoa do nosso conhecimento.

Ora na peça uma das personagens diz:

—Je ne veux pas être cocu.

O publico francez não estranha a crueza da frase. Como deve traduzir-se para portuguez, de modo a não ofender as convenções e os ouvidos castos—alguns d'elles, hipocritamente castos...— dos espectadores?

Quem nos enviar uma solução aceitavel receberá um premio, que consiste em ouvir a sua versão da boca d'um grande ator d'aquelle teatro. Valeu?

## Genial

Conta-se que o general Foch, ao tomar o comando supremo das tropas dos aliados, disse aos officiaes francezes que tinham sido seus discipulos:

— Meus senhores: agora a primeira coisa que teem a fazer, é esquecer o que eu lhes ensinei na escola.

E narrando isto, os jornaes acrescentam que foi uma resposta genial.

Pedimos venia para distinguir: se ligassemos a taes palavras o seu sentido aparente, a resposta não só não tinha sido genial como bem podia ser classificada de tremendissima asneira. Felizmente, os officiaes a quem foi dirigida são pessoas inteligentes e compreenderam perfeitamente que o Foch o que quiz foi significar que a pratica completa a teoria e esta sem aquela para pouco serve. Assim é que é.

## O dente da Micas

Correu por toda a cidade  
Uma grande novidade,  
Deveras de sensação:  
Nasceu o dente do siso,  
Quer dizer, o do juizo,  
A' Micas da Conceição.

Não se imagina a alegria  
Que houve lá na freguesia  
Por esse acontecimento!  
Era possivel que aquela  
Endiabrada dónzela  
Começasse a ter assento?



Era, sim; veio o dentista,  
Que n'este assunto era artista,  
E afirmou com voz serena  
Que virá mais um queixal  
Irrompendo triunfal  
Na boca da tal pequena.

Passou tempo e toda a gente  
Ficou á espera que o dente  
Produzisse os seus efeitos.  
Por outra, que a sobredita  
Continuasse bonita  
Mas isenta de defeitos.

Porém, qual! que decepção!  
A Micas da Conceição  
Só variou nos queixaes  
E ao que me disse o rapaz,  
Se alguma diferença faz  
E' em morder muito mais!

Mascara Azul.



### Para portuguez ver

Um estabelecimento de modas, ali da Baixa, anuncia do modo seguinte a mercadoria: «F... expõe a sua coleção de modelos de vestidos «habillés», costumes «tailleurs», «manteaux» e «fourrures»».

Vamos lá dentro buscar o dicionário e já voltamos.

### A Censura

A Censura tem por vezes muita *piada*. Exemplo que praticou um dia d'estes em certo jornal, de maneira que saiu publicado o seguinte:

«...vamos em seguida dar a inserção á carta-protesto do sr. dr. Camara Reis: Foi exonerado a seu pedido, de membro da comissão de censura á imprensa, o major de infantaria o sr. Casimiro Vitor de Sousa Teles.»

Que tal? Não ficou interessante a carta protesto do sr. dr. Camara Reis?!

### Ministerio uniforme

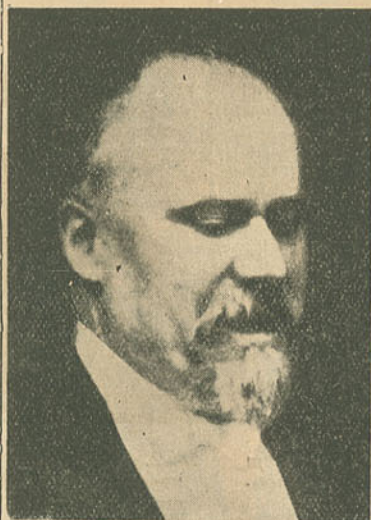
Parece que está posta de parte a formação d'um ministerio só de militares, muito provavelmente porque se lhe vae preferir outro, constituído igualmente de individuos d'uma unica profissão, visto que é essa a formula, afinal, mais de aceitar em ministerios.

Se não, dêmo-nos ao luxo de raciocinar. A escolha de quasi uma duzia de pessoas pertencendo cada uma á classe que mais garantia desse no bom exercicio da respetiva pasta—um financeiro para as Finanças, um militar de terra para a Guerra, um marinheiro para a Marinha, um preto para as Colonias, etc.—daria enorme trabalho e



poucas probabilidades de exito n'um paiz onde toda a gente é enciclopedica e ninguem se especialisa. Ora, se todos os ministros pertencerem a uma só classe, aí temos nós, pela restrição, vencidas muitas das dificuldades.

Muito bem. Mas por qual profissão optar? Aqui é que a nossa interferencia nos parece necessaria, como conhecedores que somos do que convem ao paiz no atual momento historico. De mais, a experiencia está feita e com resultado, porque se tem accentuado a predileção, na escolha, dos individuos que vamos apontar e sempre com relativo acerto. Referimo-nos aos



# EM FOCO

## POINCARÉ

*Dou-lhe os meus parabens, seu presidente, Com a minha sincera simpatia Pela vitoria, emfim, que se anuncia Embora ainda o boche ranja o dente.*

*Dou-lhe mais o cognome de Prudente, Conforme ha demonstrado dia a dia, Não da prudencia oposta á valentia Mas d'aquella que é propria do valente.*

*Dou-lhe o louvor devido á pertinacia, Ao patriotismo augusto, á fé serena Contra a fera toucura e tola audacia.*

*Dou-lhe a tinta melhor da minha pena, Dou-lhe o que mais deseja: dou-lhe a Al-sacia*

*E inda lhe digo mais: dou-lhe a Lorena!*

Belmiro.

medicos: um ministerio exclusivamente de medicos seria de decidida vantagem, porque o paiz está evidentemente enfermo. Servem os de clinica geral; mas se por teimosia quizerem recorrer mais uma vez a especialistas, dentro da propria ciencia medica os encontram—e são os especialistas de doenças mentaes.

### Imprevidencia turca

Leiam: «Zurich, 30—Informam de Berlim que a «Frankfurter Zeitung» noticia que os turcos abandonaram Baku, que os anglo-francezes ocuparam.»

E não quieriam os desgraçados ser vencidos, desprezando d'esse modo uma parte tão importante do seu territorio! Uma pessoa pode abandonar tudo, menos o Baku!

cada abraço que por pouco não metem as costas dentro aos parceiros.

E já agora esperemos que, ainda comparando com o soneto, o Parlamento feche com chave de ouro, para o que é de aconselhar que desde já se vão preparando os pontos naturais, a arnica, o adesivo e outros ingredientes por equal usados nas demonstra-



ções festivas de cordealidade e de amor.

Tambem aconselhariamos que se marcassem desde já logares na Morgue, se tal providencia não ocorresse, como decerto já ocorreu, a quem tem o dever de olhar por estas coisas.

### Chave de prata

N'uma coisa se parece o parlamento com os sonetos: em ter sido aberto com chave de prata.

A estas horas, os mais exigentes, isto é, aquellas pessoas que não fazem senão recomendar cordura, sob o futil pretexto de que a civilização está atravessando uma crise excepcional e que n'este momento todos os cuidados de parecermos pessoas de senso são poucos, devem estar satisfeitissimas. Os representantes da nação, reunidos para um dos atos mais solenes da vida nacional, houveram-se com rara prudencia e quiça fraternidade, de modo que se alguma coisa ha a censurar-lhes é o excesso de manifestações carinhosas a que se entregaram, dando uns nos outros

### Correspondencia

*La-mi-ré*—Vá tocar o rabecão para outra parte.

*C. D. (Torres Vedras)*—Case imediatamente com a priminha. Quando se dizem essas coisas d'uma senhora a reparação deve ser pronta..

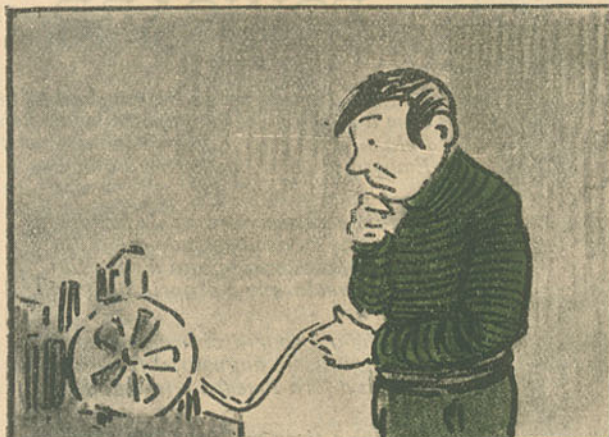
*Luiz P.*—E' o ator? Parabens, por ter geito para tanta coisa.

*G. Dolores*—Bata a outra porta, menina. Isto aqui não é agencia de casa-mentos.

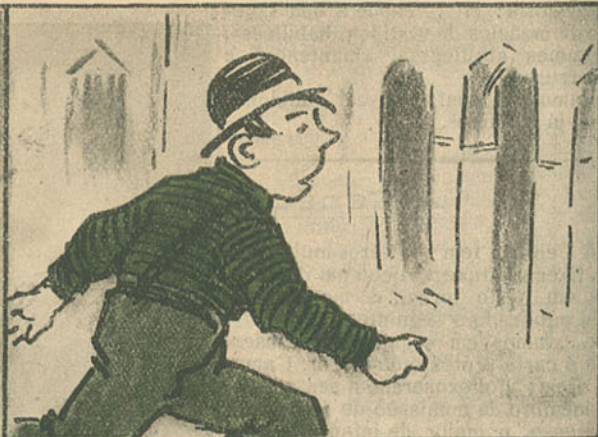
## AS NOVAS PROEZAS DO MANECAS

29.<sup>a</sup> Parte — 16.<sup>o</sup> Episodio

(Continuação)



1.—O Quim recebe, por meio da telegrafia sem fios, o seguinte telegrama. incompleto: «Temporal... perdido... Açores—Manecas.»



2.—Aflito, pela sorte do mano, o Quim dirige-se imediatamente á Arcada em busca de noticias, mas em vão, apesar dos seus esforços.



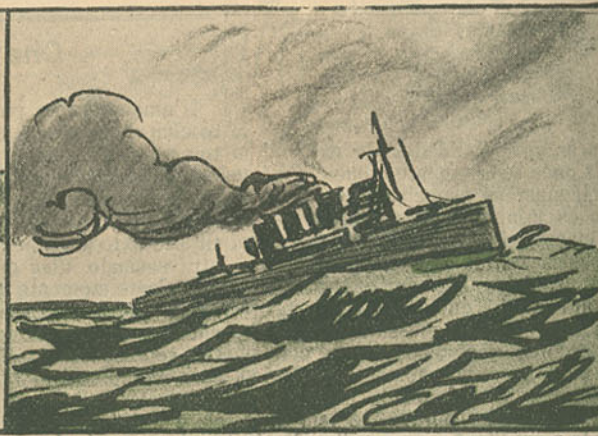
3.—Já noite alta, volta a casa, mas não prega olho, preocupadíssimo como está, com a triste noticia; porém, toma uma energica resolução:



4.—Dirige-se de novo aos ministerios e, solicitando dos secretarios de Estado da guerra e marinha uma audiência, expõe-lhes largamente o seu plano.



5.—No dia immediato faz as malas, toma lugar n'um «destroyer» posto á sua disposição e segue o rumo dos Açores.



6.—O «destroyer» percorre o mar do archipelago, que está a zitaridissimo, mas o desolado Quim não encontra vestigios do Manecas,

(Continúa).